



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de inflação no Brasil, EUA e China movimentam os mercados. Nos EUA, grandes bancos dão início à safra dos balanços do 1T24

O destaque da semana no cenário nacional é o resultado do IPCA de março, que deve registrar alta de 0,25% no mês, bem abaixo do dado de fevereiro (+0,83%), com a dissipação das pressões vindas dos preços dos alimentos, combustíveis e educação. Com isso, o índice deve desacelerar de 4,50% para 4,02% no acumulado em 12 meses. Contudo, os agentes seguirão atentos nos preços dos serviços, que têm mostrado uma piora nos últimos meses, refletindo o bom dinamismo do mercado de trabalho e o avanço dos rendimentos. O IPCA será divulgado pelo IBGE na quarta-feira (10).

Em relação à atividade, serão conhecidos os números do varejo e do setor de serviços, que podem confirmar um bom desempenho da economia neste primeiro trimestre. O resultado do varejo será divulgado pelo IBGE na quinta-feira (11), e a expectativa é que o setor (no conceito ampliado) registre queda de 0,8% no mês. Apesar de negativo, o recuo (caso confirmado) devolve apenas parte da forte alta observada em janeiro (+2,4%), ainda deixando um carregamento estatístico positivo para o trimestre, de 1,3%. Já o dado do setor de serviços será conhecido na sexta (12), e tem expectativa de expansão de 0,2% em fevereiro, a quarta alta mensal seguida. Os setores têm se beneficiado do mercado de trabalho aquecido, transferências de recursos do governo, além do processo de queda da taxa Selic.

No cenário internacional, o destaque da semana fica com os dados da inflação ao consumidor (CPI) de março dos EUA, na quarta-feira (10), que podem eliminar de vez a possibilidade de queda dos juros pelo Fed ainda neste primeiro semestre, após os dados mais fortes do mercado de trabalho do país. A expectativa dos agentes é que o CPI suba 0,3% no mês, abaixo do observado em fev/24 (+0,4%), mas acelerando de 3,2% para 3,4%, em 12 meses. Já o núcleo do indicador (sem alimentos e energia), também deve subir 0,3%, mas, neste caso, mantendo sua tendência gradual de desaceleração em base anual para 3,7% (ante +3,8%). Ainda no âmbito da inflação, na quinta (11) será a vez de conhecer os preços ao produtor (PPI) nos EUA.

Outros destaques nos EUA serão a divulgação da ata da última reunião do Fed e a abertura da temporada de balanços corporativos. Na quarta (10), o Fed divulga a ata da última reunião (20 de março), com o documento explicando com mais detalhes a decisão do Colegiado pela manutenção dos juros no intervalo entre 5,25% e 5,50% aa. Já na sexta (12), alguns dos principais bancos norte-americanos (JP Morgan, Wells Fargo e Citi) abrem a temporada de balanços referente ao 1º trimestre de 2024. Apesar da expectativa de seguirem apresentando bons resultados, parte das atenções estará voltada à exposição de tais bancos ao setor imobiliário comercial do país, que tem gerado preocupação.

Na Zona do Euro, o BCE se reúne na quinta (11) para definir as principais taxas de juros do bloco e pode indicar redução dos juros a partir de sua próxima reunião. A expectativa quase unânime é que a taxa de refinanciamento seja mantida em 4,50% aa, no esforço de trazer a inflação, que atualmente está em 2,4% aa, para a meta de 2,0% aa. Contudo, dado o progresso já feito, a expectativa da reunião é se o Colegiado irá indicar que deve iniciar o processo de flexibilização monetária a partir de sua próxima reunião, agendada para o dia 06 de junho.

Na China, serão divulgados os números do setor externo e de inflação ao longo da semana. Os números do setor externo saem na sexta (12). Já o resultado da inflação ao consumidor (CPI) e ao produto (PPI) devem seguir apontando ausência de pressões inflacionárias relevantes, que podem abrir espaço para novos estímulos econômicos.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/abr	Anfavea: Produção de Veículos	Mar/24	-	17,4% a/a
10/abr	IBGE: IPCA	Mar/24	0,25% m/m 4,02% a/a	0,83% m/m 4,50% a/a
11/abr	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Fev/24	-0,8% m/m 5,9% a/a	2,4% m/m 6,8% a/a
12/abr	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Fev/24	0,2% m/m 4,9% a/a	0,7% m/m 4,5% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
10/abr	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Mar/24	0,3% m/m 3,4% a/a	0,4% m/m 3,2% a/a
10/abr	EUA	Ata da última reunião do Fomc/Fed	20/mar/24	-	-
10/abr	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Mar/24	0,4% a/a	0,7% a/a
10/abr	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Mar/24	-2,8% a/a	-2,7% a/a
11/abr	Zona do Euro	BCE – Reunião de Política Monetária	-	4,00% aa; 4,50% aa 4,75% aa	4,00% aa; 4,50% aa 4,75% aa
11/abr	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Mar/24	0,3% m/m 2,2% a/a	0,6% m/m 1,6% a/a
12/abr	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Mar/24	-1,8% a/a 1,0% a/a	7,1% a/a 3,5% a/a
12/abr	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Abr/24 – prévia	79,0 pts	79,4 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indústria recua em fevereiro com perda de dinamismo do segmento extrativo

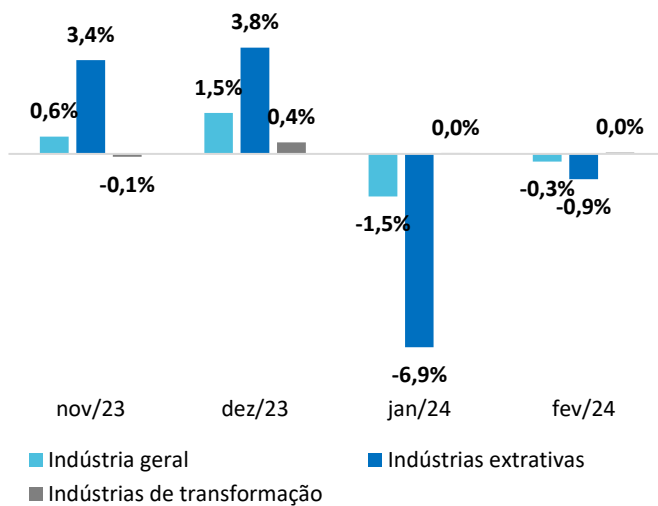
A produção industrial caiu 0,3% em fevereiro, surpreendendo negativamente o mercado, que esperava alta de 0,2%. Apesar do número fraco na margem, a composição do resultado não foi tão desfavorável. Isso porque os dados mostraram que os segmentos mais cíclicos seguiram em recuperação, sugerindo, inclusive, alguma reação do investimento no trimestre. Adicionalmente, o setor registrou alta de 5,0% ante fev/23, acumulando expansão de 4,3% ante o primeiro bimestre do ano passado.

No mês, a queda foi puxada pela indústria extrativa (-0,9%), que segue devolvendo parte do forte desempenho observado no final do ano passado. Já a indústria de transformação ficou novamente estável (0,0%), com um comportamento heterogêneo entre as atividades. Os principais impactos positivos vieram da fabricação de veículos (+6,5%), papel e celulose (+5,8%) e equipamentos eletrônicos (+4,2%). No lado das baixas, destaque para a menor fabricação de produtos químicos (-3,5%) e farmacêuticos (-6,0%), ambas devolvendo parte da forte alta em janeiro. As atividades de maior peso do setor, por sua vez, como fabricação de produtos alimentícios e de derivados do petróleo, ficaram estáveis.

Entre as grandes categorias, a queda foi puxada pela produção de bens intermediários (-1,2%), de maior peso na indústria (quase 60%). Na outra ponta, destaque para mais um avanço da produção de bens de capital, que avançou 1,8% no mês, após crescer 9,3% em janeiro, sinalizando uma retomada dos investimentos no primeiro trimestre do ano. A produção de bens duráveis (+3,6%) e semi e não duráveis (+0,4%) também avançaram em fevereiro.

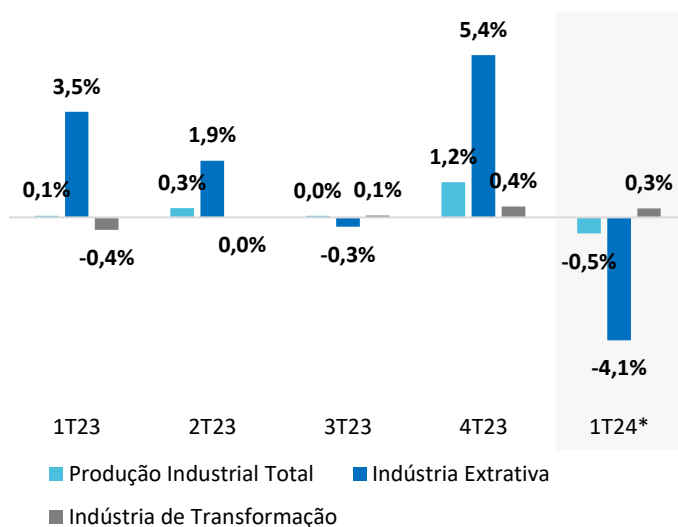
No geral, após um desempenho positivo no final do ano passado, a indústria começa 2024 com números mais fracos do que o esperado. Contudo, tal queda está concentrada no segmento extrativo, que registrou números fortes em 2023 e que não deve repetir o mesmo desempenho neste ano. Por sinal, o segmento apresenta um *carry over* negativo de 4,1% para o 1T24. Por outro lado, a indústria de transformação mostra sinais de reação, especialmente nos setores mais cíclicos, ou seja, dependentes da política monetária e do crédito, fato que deve levar a um pequeno avanço do segmento neste trimestre (carregamento estatístico de +0,3%) e cuja expectativa é que continue ao longo do ano.

Quadro 1: Produção Industrial – Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: Produção Industrial – Var. % trimestral T/T-1) e Carry Over 1T24*



Fonte: IBGE

Em relação ao setor externo, o quadro segue relativamente confortável, com o déficit em conta corrente se mantendo em US\$ 24,7 bi (1,1% do PIB) no acumulado em 12 meses, menor nível desde maio de 2008. Em fevereiro, o déficit em transações correntes ficou em US\$ 4,4 bi, igual ao observado em fev/23.

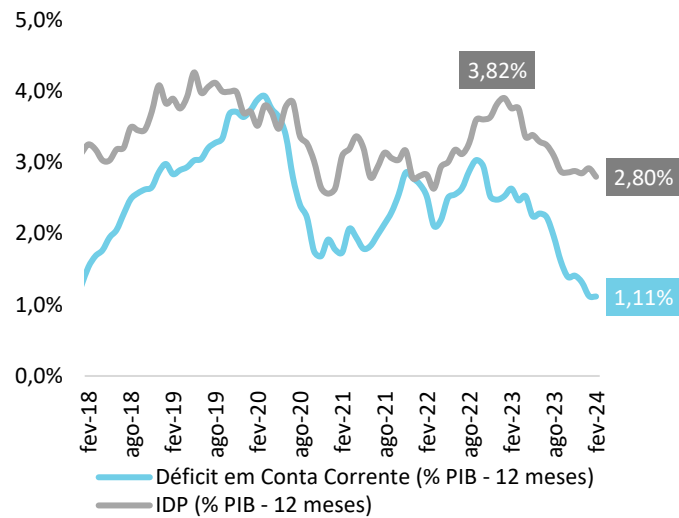
Por um lado, houve melhora na balança comercial, cujo saldo subiu de US\$ 2,2 bi para US\$ 3,4 bi, diante do crescimento em maior proporção das exportações. Na mesma direção, houve redução do déficit na balança de renda primária (de US\$ 4,6 bi para US\$ 4,3 bi), diante da queda das despesas com juros de operações *intercompany*. Por outro lado, o déficit da balança de serviços subiu de US\$ 2,1 bi para US\$ 3,7 bi, anulando a melhora do resultado das balanças comercial e de rendas. Neste caso, pesou o aumento dos gastos com serviços de propriedade intelectual, aluguel de equipamentos, transportes e em menor grau, viagens internacionais.

Além de se manter em baixo patamar, o déficit externo brasileiro segue financiado com folga pela entrada de capitais internacionais. Os investimentos diretos no país (IDP) somaram entrada líquida de US\$ 5,0 bi no mês, somando US\$ 62,0 bi (2,80% do PIB) em 12 meses. Já os capitais de portfólio registraram saída líquida de US\$ 2,9 bi em fevereiro, pressionados pela saída dos recursos em bolsa (ações). Ainda assim, o fluxo de ingresso de recursos de portfólio segue positivo em 12 meses (US\$ 4,4 bi).

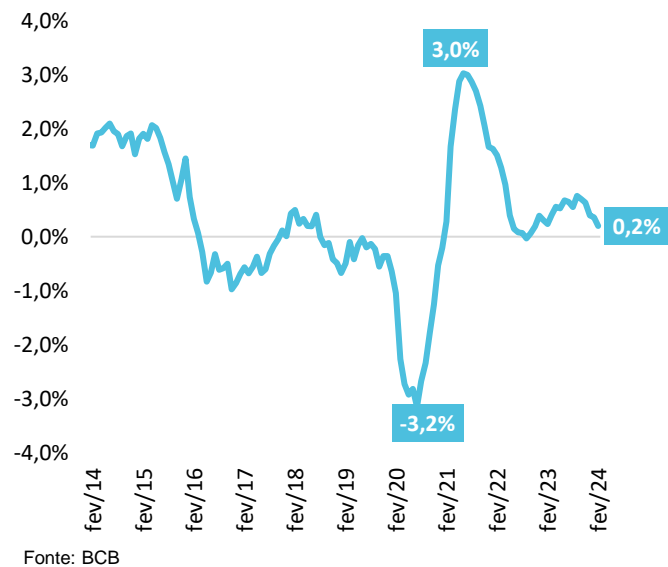
Ainda no setor externo, a Secex informou que a balança comercial registrou superávit de US\$ 7,5 bi em março, abaixo do observado em março de 2023 (US\$ 10,7 bi). De toda forma, o resultado foi o 3º melhor para o mês desde o início da série histórica (1994), ficando atrás dos resultados de 2022 e 2023. As exportações recuaram 2,0% na média por dia útil ante mar/23, refletindo a queda no volume embarcado e dos preços, que impactaram o desempenho do setor agropecuário e extrativo. Já as importações subiram 6,8% no mesmo comparativo, com a alta no volume, principalmente de bens de capital e de consumo, em outro sinal de aquecimento da demanda doméstica, mais do que compensando a queda no preço de tais itens.

No acumulado do ano, o saldo está positivo em US\$ 19,1 bi, valor 22,2% superior ao registrado no 1º trimestre de 2023, com alta das exportações (+3,2%), liderada por itens extrativos (+18,7%); enquanto as importações ainda registram ligeira queda (-1,8%), diante do menor volume importado de combustíveis (-12,9%). A balança comercial deve seguir com números fortes em 2024, mas abaixo do observado em 2023 (US\$ 98,9 bi), devido a menor safra agrícola e queda dos preços de algumas *commodities*. Neste sentido, a Secex reduziu para US\$ 73,5 bi (ante US\$ 94,4 bi) o superávit comercial projetado para este ano.

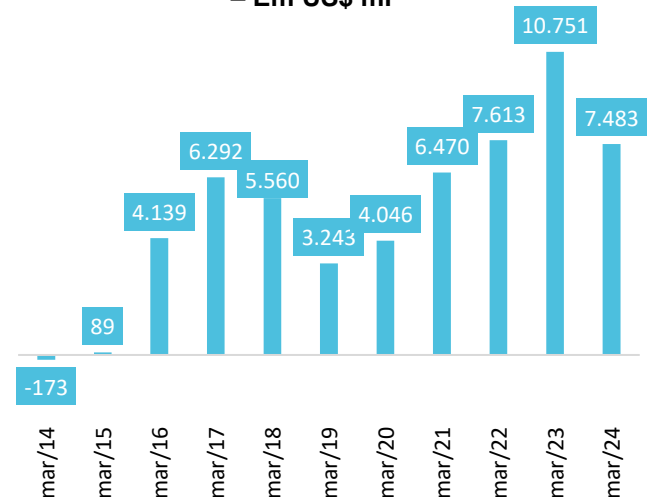
Quadro 3: Déficit em Conta Corrente e Entrada de IDP – Acum. em 12 meses - % do PIB



Quadro 4: Entrada de Capitais de Portfólio – Acum. em 12 meses - % do PIB



Quadro 5: Saldo Comercial nos meses de março – Em US\$ mi

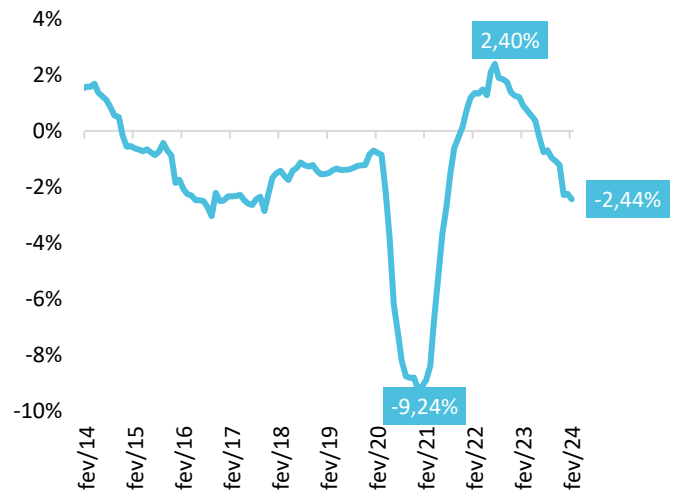


No âmbito fiscal, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 48,7 bi em fevereiro, pior do que o observado no mesmo período de 2023, quando ficou em R\$ 26,4 bi. Tal piora é explicada pelo governo central, em função do pagamento antecipado dos precatórios no valor de R\$ 30,1 bi, conforme já divulgado pelo Tesouro Nacional. No caso, o déficit do governo central saltou de R\$ 39,2 bi em fev/23 para R\$ 57,8 bi. Por outro lado, os governos regionais (de R\$ 11,8 bi para R\$ 8,6 bi) e as empresas estatais dependentes (de R\$ 0,9 bi para 0,5 bi), viram seus déficits encolher no período. Já os gastos com juros totalizaram R\$ 65,2 bi em fevereiro, resultando em um déficit nominal de R\$ 113,8 bi no mês.

No acumulado em 12 meses, o setor público consolidado segue com um expressivo déficit primário, da ordem de R\$ 268,2 bi (2,44% do PIB). Já os gastos com juros atingiram R\$ 746,9 bi (6,8% do PIB), implicando em um expressivo déficit nominal de R\$ 1,0 trilhão (9,2% do PIB). Diante de tal dinâmica, o endividamento público segue em alta, tendo atingido 75,5% do PIB (ante 75,1% em jan/23) no conceito bruto e 60,9% do PIB (ante 60,1% em jan/23) no conceito líquido. A expectativa, segundo o boletim Focus, é que a dívida bruta chegue a 77,7% do PIB até o fim do ano.

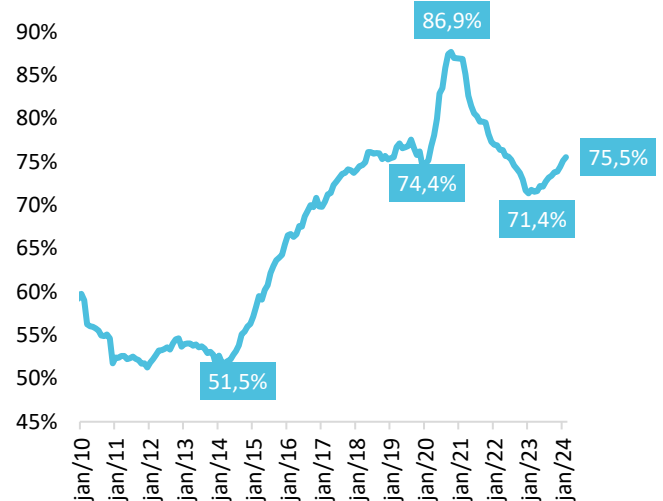
No cenário inflacionário, a FGV divulgou o IGP-DI de março, que seguiu apontando uma dinâmica benigna dos preços no atacado. O índice mostrou recuo de 0,30% no mês, o terceiro seguido, puxado pela intensificação da deflação dos produtos industriais no atacado, com destaque para o minério de ferro, que passou de -4,94% em fevereiro para -14,37% em março. Na outra ponta, houve aceleração dos preços dos produtos agropecuários no atacado, que passaram de -1,02% para 0,92%, puxada especialmente pelo aumento do preço da soja (de -10,02% para 2,71%), explicando a atenuação da queda do índice ante o resultado observado no mês anterior (-0,41%). O ligeiro aumento nos custos da mão de obra (de 0,05% para 0,41%) também contribuiu para o menor recuo do índice no mês. Em 12 meses, o IGP-DI acumula queda de 4,00%.

Quadro 6: Resultado Primário do Setor Público Consolidado – Acum. 12 meses (% do PIB)



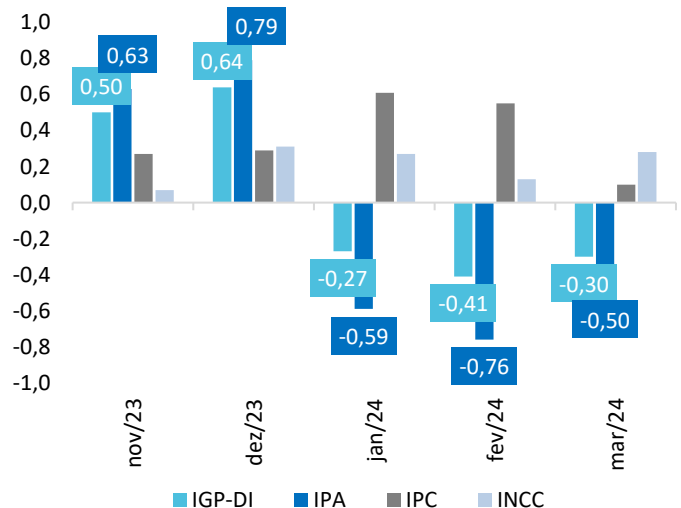
Fonte: BCB

Quadro 7: Dívida Bruta do Governo Geral Em % do PIB



Fonte: BCB

Quadro 8: IGP-DI e Aberturas Var. % mensal



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Aversão ao risco predomina em meio às novas tensões geopolíticas e payroll forte

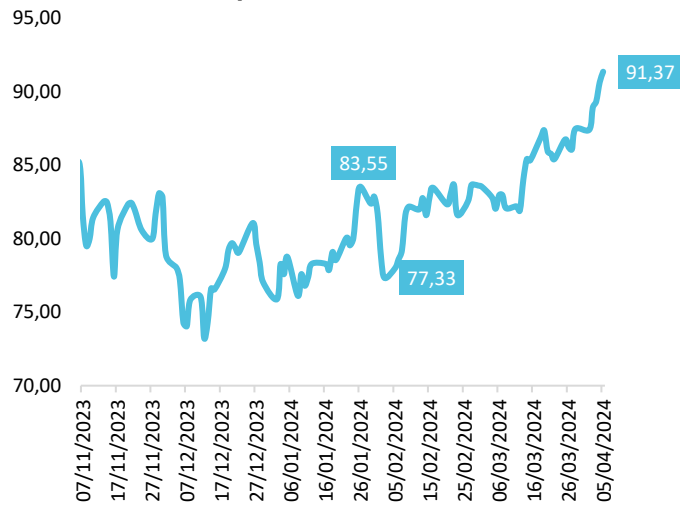
A semana foi negativa para os ativos de risco no mercado internacional, em meio ao surgimento de novas tensões geopolíticas no Oriente Médio, dados de emprego (*payroll*) fortes nos EUA e falas conservadoras de membros do Fed. Novas preocupações sobre a relação entre Israel e Irã surgiram após um ataque ao consulado iraniano na Síria, onde o governo do Irã responsabiliza Israel. Com o receio de limitação na oferta de petróleo, o preço da *commodity* (tipo *Brent*) voltou a ultrapassar o patamar de US\$ 90 por barril, maior valor dos últimos 5 meses. Já os dados de emprego nos EUA e as falas de membros do Fed têm levado a um novo adiamento das expectativas quanto ao início do ciclo de flexibilização monetária, que deve ficar apenas para o 2º semestre.

O *payroll* registrou a criação de 303 mil vagas de emprego, bem acima do esperado (+215 mil) pelo consenso de mercado e elevando a média trimestral para 276 mil vagas, maior patamar em um ano, reforçando que o mercado de trabalho segue aquecido no país. Já a taxa de desemprego voltou a cair, atingindo 3,8% (ante 3,9% em fev/24), contrariando a expectativa de estabilidade. Apesar dos dados mais fortes de geração de empregos, os ganhos salariais vieram em linha com o esperado, subindo 0,3% no mês e desacelerando para 4,1% em 12 meses (ante +4,3%). Já os dados finais de expectativas para o mês de março indicaram alguma moderação da atividade no mês. Enquanto o índice PMI da indústria caiu para 51,9 pts (ante 52,2 pts), o índice dos serviços atingiu 51,7 pts (ante 52,3 pts), mas ambos acima do nível neutro (50 pts).

Na Zona do Euro, a prévia da inflação ao consumidor (CPI) de março surpreendeu positivamente ao desacelerar para 2,4% em 12 meses, ante 2,6% em fev/24. O núcleo do indicador, por sua vez, que desconsidera alimentos e energia, desacelerou para 2,9% (ante 3,1%). Com relação às expectativas, os resultados finais do índice PMI apresentaram movimentos mistos em março. Enquanto o índice da indústria aprofundou a indicação de contração da atividade no setor atingindo 46,1 pts (ante 46,5 pts), o setor de serviços subiu e atingiu 51,5 pts (ante 50,2 pts), melhor resultado desde jun/23.

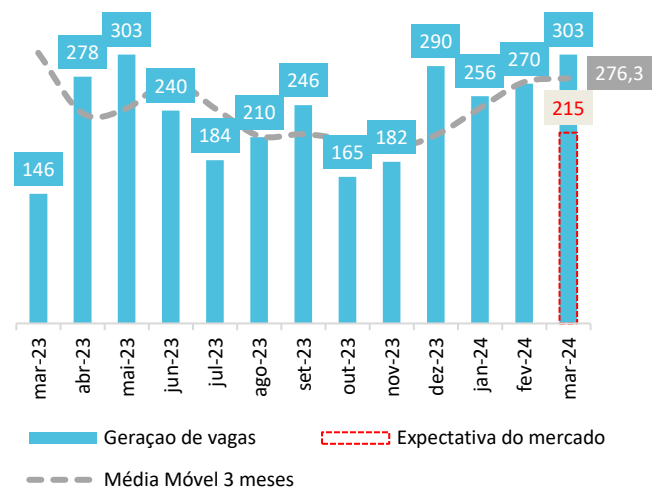
Por fim, na China, os índices PMI Caixin de expectativas registraram alta em março tanto para a indústria (de 50,9 pts para 51,1 pts) como para serviços (de 52,5 pts para 52,7 pts), sugerindo alguma retomada da atividade no país.

Quadro 9: Preço do Petróleo por Barril Tipo Brent – Em US\$



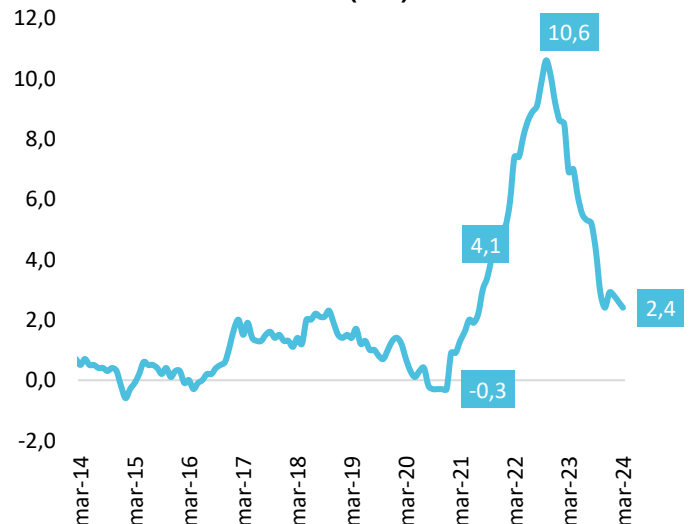
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Nota de Operações de Crédito

CRÉDITO / BANCOS

Ritmo de expansão anual do crédito volta a acelerar e retorna para 8,0%

O saldo total da carteira de crédito cresceu 0,2% em fevereiro, chegando em R\$ 5,8 trilhões (52,8% do PIB). Apesar da modesta alta no mês, o resultado foi suficiente para acelerar o ritmo de expansão anual da carteira, que passou de 7,7% para 8,0%, com o avanço nesta métrica sendo especialmente beneficiado pela fraca base de comparação de fev/23, quando o crédito livre às empresas foi afetado pela eclosão dos casos Americanas/Light.

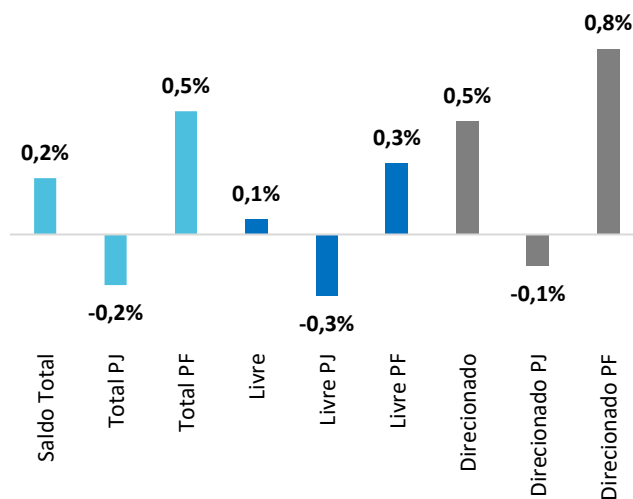
No mês, o crescimento foi puxado pelo crédito às famílias (+0,5%). A carteira livre apresentou alta de 0,3%, com avanço disseminado entre as modalidades. Destaque para o crédito consignado destinado à aposentados e pensionistas do INSS (+2,0%), cheque especial (+1,9%), não consignado (+1,6%) e aquisição de veículos (+1,2%). A alta da carteira só não foi maior devido à forte retração do cartão de crédito à vista (-2,7%), linha de importante peso e que usualmente retrai em fevereiro, em função do menor número de dias úteis no mês e da acomodação do consumo após os eventos de fim de ano. Já a carteira PF Direcionada subiu 0,8%, mais uma vez puxada pelo bom desempenho das principais linhas: rural (+1,1%) e imobiliário (+0,7%).

O crédito às empresas, por sua vez, retraiu 0,2%, com queda tanto na carteira livre (-0,3%) quanto na direcionada (-0,1%). No caso das operações livres, chama atenção o recuo das principais modalidades, como capital de giro (-0,6%), desconto de duplicatas (-0,9%) e antecipação de faturas (-1,4%), que seguem mostrando números fracos, reforçando os sinais de baixo dinamismo do segmento. Ainda assim, o resultado foi melhor do que o observado em fev/23 (-1,1%), fazendo com que o ritmo de expansão anual da carteira PJ Livre saltasse de 0,3% para 1,2%.

Em 12 meses, o ganho de tração da carteira total foi explicado justamente pela aceleração da carteira PJ Livre, devido à dissipação do efeito negativo do caso Americanas na base de comparação. A carteira livre às famílias também contribuiu de maneira positiva, com o ritmo de expansão acelerando de 8,2% para 8,5%. Com isso, a carteira com recursos livres acelerou de 4,8% para 5,3%. Em conjunto, os resultados sinalizam um ganho de tração do segmento livre, que, após liderar a perda de fôlego do crédito ao longo de 2023, tende a se beneficiar em maior grau do ciclo de queda das taxas de juros e da inadimplência e do maior crescimento esperado da economia. Na outra direção, as carteiras direcionadas mostraram desaceleração, embora de maneira modesta e ainda mantendo um bom ritmo de crescimento. A carteira PF passou de 12,9% para 12,8%, enquanto a carteira PJ passou de 10,2% para 9,9%.

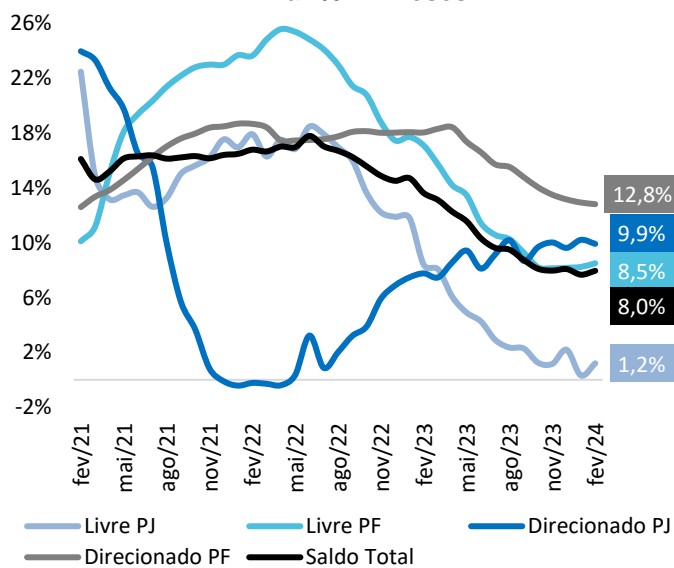
O volume total de concessões, por sua vez, recuou 1,1% em fevereiro (com ajuste sazonal e de inflação), com queda de igual magnitude tanto nas operações destinadas às famílias, quanto às empresas. Apesar da acomodação no mês, o volume total de concessões acelerou no acumulado em 12 meses, passando de 4,5% para 5,3%, também indicando algum ganho de ritmo da expansão do crédito ao longo de 2024.

Quadro 12: Saldo – Var.% mensal – Fev/24



Fonte: Bacen

Quadro 13: Saldo Total e Aberturas Var.% 12 meses



Fonte: Bacen

Em relação às condições de financiamento, a taxa média de juros do SFN caiu pelo 9º mês consecutivo, recuando de 28,2% aa para 27,8% aa. O movimento segue beneficiado pela menor taxa Selic e pelo fim do processo de alta da inadimplência na maioria dos segmentos.

No mês, o recuo das taxas se mostrou disseminado. A maior queda ocorreu nas operações com recursos livres destinadas às empresas (-0,9 pp, para 21,4% aa), puxada pelas menores taxas em descontos de duplicatas (-1,0 pp), capital de giro (-0,6 pp), antecipação de faturas (-0,3 pp) e cartão rotativo (-38,3 pp). A taxa média das operações livres às famílias mostrou um recuo mais modesto (-0,1 pp, para 52,5% aa), refletindo uma heterogeneidade entre as modalidades. Do lado das baixas, houve redução (-6,8 pp) do cartão rotativo, consignado (-0,5 pp) e aquisição de veículos (-0,2 pp). Do lado das altas, pesou o aumento do custo do cheque especial (+6,0 pp) e crédito pessoal não consignado (+1,6 pp). No caso das carteiras direcionadas, ambas recuaram 0,3 pp, com a taxa média da carteira PJ passando para 12,2% aa e na carteira PF para 9,4% aa.

Neste contexto, o spread médio do sistema também recuou pelo 9º mês seguido, de 19,5 pp para 19,3 pp. Com isso, o spread atingiu a menor marca desde setembro de 2022 (19,2 pp) e a expectativa é que siga em queda ao longo do ano.

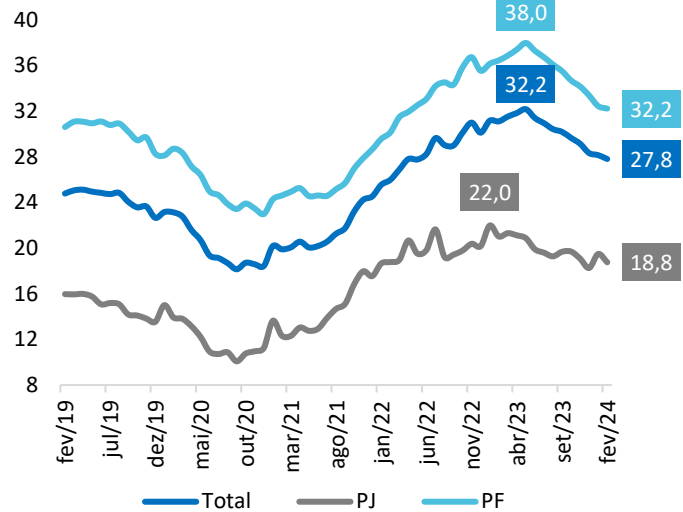
Já a taxa de inadimplência (>90 dias) geral do sistema ficou estável em 3,3%, com estabilidade também observada nas carteiras PF (3,7%) e PJ (2,6%), resultado que pode ser considerado positivo.

No caso da carteira PJ Livre, o resultado deixa o índice no mesmo patamar pelo 3º mês seguido, sinalizando uma possível interrupção da trajetória de alta que ocorria desde o final de 2022. Na carteira PF Livre, a estabilidade reforça os sinais de melhora do segmento observados desde o segundo semestre de 2023, embora ainda em alto nível. Já a inadimplência das carteiras direcionadas seguem em níveis contidos.

No geral, os números de fevereiro reforçam a leitura de um cenário mais positivo para o crédito em 2024. O saldo total da carteira interrompeu uma trajetória de desaceleração e mostra sinais de ganho de fôlego especialmente no segmento livre, mais aderente às condições econômicas. As taxas de juros e de spread seguem recuando de maneira persistente e disseminada, enquanto as taxas de inadimplência sinalizam o fim do processo de alta, já com sinais de melhora, inclusive no segmento PJ. Assim, em conjunto, os números reforçam a expectativa de que o crédito ganha alguma tração ao longo do ano. Neste sentido, vale lembrar que o BC revisou para cima sua projeção para a expansão do crédito em 2024, agora em 9,4%.

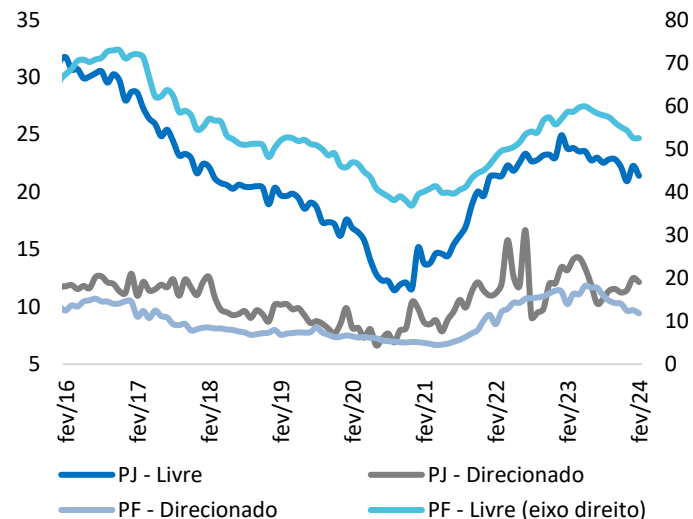
Para consultar um panorama mais detalhado das estatísticas de crédito, [clique aqui](#).

Quadro 14: Taxa de juros – Total, PF e PJ – Média do SFN – % aa



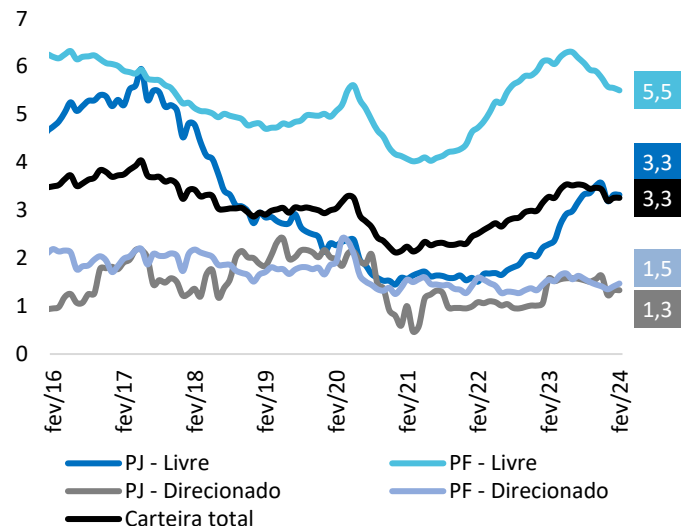
Fonte: Bacen

Quadro 15: Taxa de Juros – Aberturas Média do SFN – % aa



Fonte: Bacen

Quadro 16: Taxa de inadimplência (> 90 dias) – % da carteira



Fonte: Bacen

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção para expansão do crédito em 2024 avança para 8,8%

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 20 bancos entre 26 de março e 02 de abril, apontou uma revisão positiva para a expectativa de crescimento da carteira total em 2024, que ficou em 8,8% (ante 8,4% na pesquisa de fevereiro).

A revisão para cima foi disseminada entre os segmentos. A maior ocorreu na carteira direcionada, em que a expectativa de crescimento saiu de uma alta de 8,9% para 9,9%, em função da revisão do desempenho da carteira destinada às famílias (de +9,0% para +10,3%). Por outro lado, a carteira direcionada destinada às empresas foi a única revista para baixo, passando de uma alta de 8,8% para 8,3%.

Já a expectativa de crescimento da carteira livre para este ano subiu de 8,1% para 8,5%, também puxada pela previsão de maior expansão da carteira PF, que passou de 8,9% para 9,5%, enquanto a previsão para a carteira Livre PJ foi marginal, subindo de 7,4% para 7,6%.

Quanto à taxa de inadimplência da carteira Livre, a Pesquisa capturou estabilidade da projeção para 2024, ficando em 4,5%, o que corresponde a uma ligeira queda em relação ao nível atual do

indicador (4,6% em fev/24, segundo o BCB), reforçando a tese de que a trajetória de alta da inadimplência chegou ao fim. Para 2025, a projeção do indicador caiu para 4,2% (ante 4,3% na pesquisa anterior), indicando que o movimento de queda deve continuar no ano que vem.

Com relação ao desempenho do crédito em 2025, a pesquisa também captou melhora nas projeções. A expansão da carteira total esperada para o ano que vem saiu de 8,1% para 8,9%, com revisões para cima em recursos Livres (+8,9% ante +8,6%) e Direcionados (+8,9% ante +8,0%). Destaque para a expansão aguardada da carteira destinada às famílias, que segue acima de 9,0% tanto no segmento direcionado como no livre.

No geral, apesar do aumento relativo das incertezas no período recente, a pesquisa ainda captou um sentimento positivo por parte dos participantes, tanto em relação ao comportamento geral da economia, como especificamente do crédito, que deve crescer mais do que o esperado até então. Outro ponto importante é que a revisão positiva é sustentada especialmente pelo crédito destinado às famílias, que já tem mostrado uma dinâmica mais positiva nos últimos meses

O Quadro 17 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 17: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2024		2025	
	Pesquisa Fev/24	Pesquisa Mar/24	Pesquisa Fev/24	Pesquisa Mar/24
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,4	8,8	8,1	8,9
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	8,1	8,5	8,6	8,9
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,4	7,6	8,3	8,1
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	8,9	9,5	9,1	9,7
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	8,9	9,9	8,0	8,9
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	8,8	8,3	7,7	8,0
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,0	10,3	9,1	9,4
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,5	4,5	4,3	4,2

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

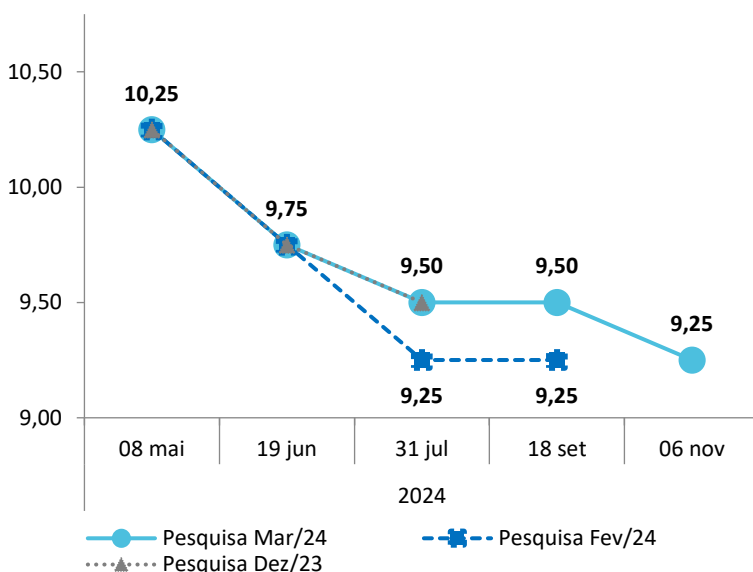
Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- Metade dos participantes (50%) afirmou não ter alterado suas expectativas em relação ao ciclo de cortes da taxa Selic, mesmo após a mudança da orientação futura do Copom. Já o restante espera um ciclo mais lento, mais curto ou ambos.
- Neste sentido, a mediana para a taxa Selic coletada na pesquisa mostra mais dois cortes de 0,50 pp, seguido de cortes de 0,25 pp em julho e novembro, quando chegaria a 9,25% aa.
- Quanto à atividade, 55% dos participantes acreditam que a economia deve seguir surpreendendo, levando a um crescimento do PIB superior ao estimado pelo consenso atualmente (+1,85%).
- Em relação à inflação, apesar da pressão recente observada nos preços dos serviços, a maioria dos participantes (60%) ainda espera que o IPCA encerre o ano em torno de 3,75% (consenso do Focus) ou abaixo de tal patamar.

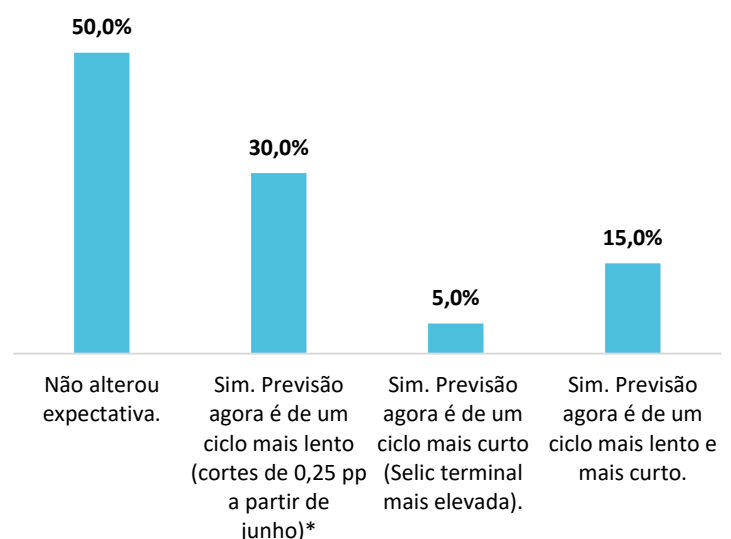
- No âmbito fiscal, as projeções para o resultado primário de 2024 também possuem viés de melhora, com 90,0% dos participantes enxergando um déficit de 0,75% do PIB ou menor.
- Já no cenário internacional, 75% dos entrevistados esperam três cortes de 0,25 pp nos juros norte-americanos até o fim do ano, em linha com o indicado pelo próprio Fed.
- Em relação à carteira de crédito Livre PJ, pouco mais da metade (52,9%) acredita que o segmento deve ganhar tração ao longo do 1º semestre de 2024, refletindo a queda das taxas de juros e estabilização da inadimplência, enquanto o restante (47,1%) ainda aposta em números modestos para o período.
- Já as expectativas para a carteira PF são mais otimistas, com 81,3% dos participantes esperando que a carteira siga crescendo em torno de 10% a/a ou até apresente alguma aceleração em seu ritmo de expansão.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 18: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 19: Impacto da mudança na orientação futura do Copom sobre a expectativa para a taxa Selic



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Mar/24

CRÉDITO / BANCOS

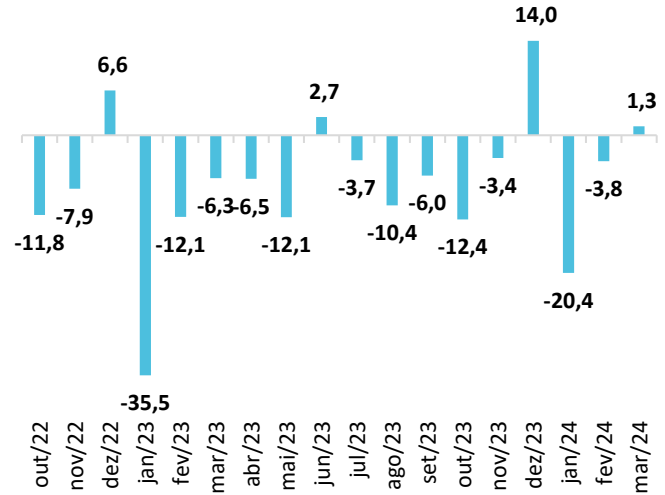
A caderneta de poupança registrou captação líquida de R\$ 1,3 bilhão em março, conforme divulgado pelo Banco Central do Brasil (BCB). Apesar da entrada de recursos ter sido modesta, foi a 1ª vez que os depósitos superaram os saques no mês desde 2020. Como forma de comparação, com dados já ajustados pela inflação, os saques líquidos haviam sido de R\$ 16,7 bi e R\$ 6,3 bi em 2022 e 2023, nesta ordem.

No acumulado do 1º trimestre, a modalidade ainda registra saques líquidos, da ordem de R\$ R\$ 22,9 bi (ou 0,2% do PIB). De forma similar, este é o melhor resultado desde 2020, quando a saída foi de apenas R\$ 4,9 bi (0,1% do PIB). Em 2023, por exemplo, os saques líquidos ficaram em R\$ 53,9 bi (0,5% do PIB).

Com o resultado positivo de março, o saldo da caderneta subiu para R\$ 975,8 bi (8,8% do PIB), embora ainda siga bem abaixo do pico observado em dez/20 (13,6% do PIB) ou mesmo do período pré-pandemia (11,2% do PIB em fev/20).

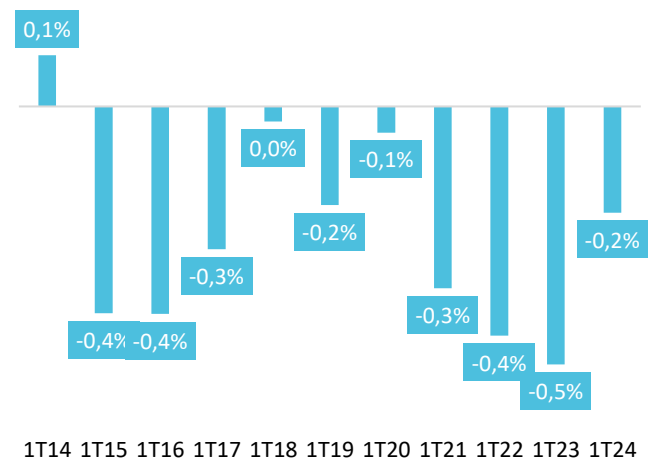
Em geral, o resultado mostra que o período mais intenso de saques de recursos na modalidade ficou para trás. As principais explicações parecem ser o mercado de trabalho aquecido e o aumento da massa salarial, além do processo de queda da taxa Selic. Contudo, estruturalmente, o viés ainda parece ser de perda de participação da modalidade ante outras alternativas de investimento, como os CDBs ou as Letras de Crédito (Agrícola ou Imobiliário), mantendo a pressão sobre o *funding* para o crédito habitacional.

Quadro 20: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de mar/24*)



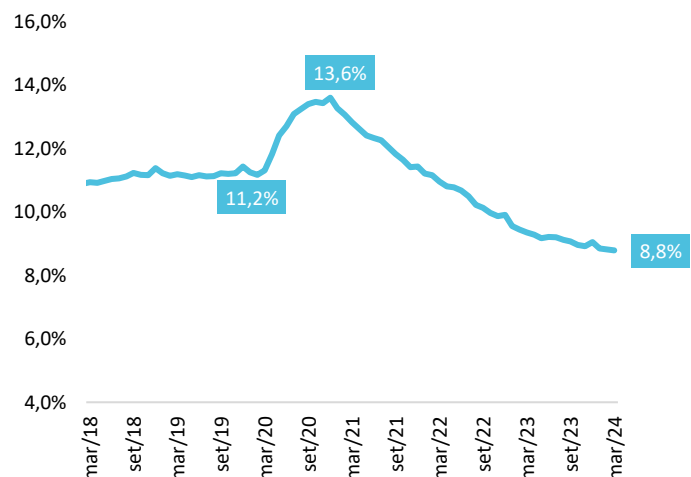
Fonte: Bacen. *Projeção Boletim Focus.

Quadro 21: Captação Líquida no 1º Trimestre Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 22: Saldo da Caderneta de Poupança Em % do PIB



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	05/04/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,07	1,05%	1,05%	4,31%	0,18%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	148,69	8,39%	8,39%	12,25%	-36,29%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,61	-0,46%	-0,46%	-8,92%	-22,28%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	9,96	1,15%	1,15%	-0,84%	-22,71%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,00	2,79%	2,79%	9,20%	-9,96%
Índice Ibovespa (em pontos)	126.795,41	-1,02%	-1,02%	-5,51%	25,76%
IFNC (setor financeiro)	13.107,32	-0,86%	-0,86%	-5,04%	34,81%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	10,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,75	2,82%	2,82%	11,78%	24,00%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,40	4,79%	4,79%	13,47%	33,18%
Dollar Index	104,30	-0,24%	-0,24%	2,93%	2,43%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.204,34	-0,95%	-0,95%	9,11%	26,78%
Índice de ações de bancos – EUA	98,19	-3,95%	-3,95%	-10,35%	8,71%
Índice Euro Stoxx 50	5.014,75	-1,35%	-1,35%	10,91%	16,37%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	140,93	1,16%	1,16%	19,08%	35,64%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	91,17	4,22%	4,22%	18,34%	7,11%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira